

# Depoimentos sobre Aquino

N. 12/10  
87

Começamos hoje a evocar algumas das figuras que acompanhavam Samora Machel na viagem fatal de 19 de Outubro e com sie pereceram.

Hoje, apresentamos três pequenos depoimentos sobre Aquino de Bragança, produzidos em ocasiões diversas, após a sua morte e que têm como autores o intelectual angolano Mário de Andrade, o jornalista René Damien e Jacques Depelchin, que foi professor no Centro de Estudos Africanos, dirigido por Aquino.

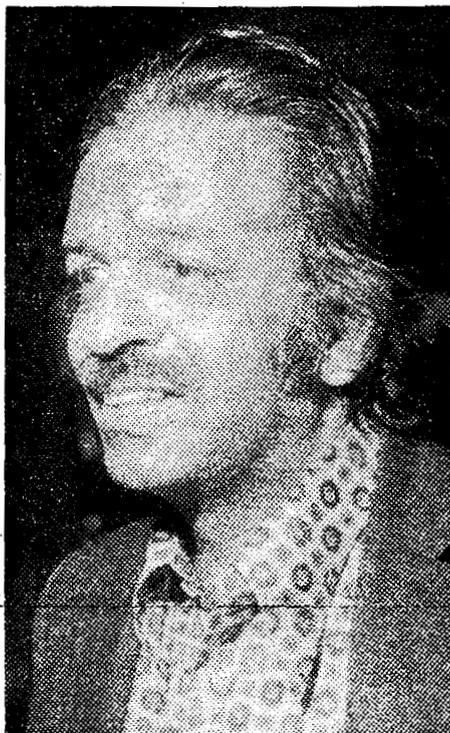
## UMA PARTE DA NOSSA MEMÓRIA COMEMORATIVA QUE DESAPARECE

A morte de Aquino de Bragança choca todos aqueles que viveram na intimidade deste homem duma generosidade rara, deste companheiro de luta dedicado às suas amizades por uma fiel tenacidade.

Eu tive o privilégio de «partilhar» (no pleno sentido do termo) as etapas decisivas da formação do seu perfil político e cultural, que são outros tantos momentos que marcaram o ritmo da marcha do mundo contemporâneo: para começar, em Paris, nos meados dos anos 1950, mais precisamente em 1954, quando acabava a guerra da Indochina e se desencadeava a da Argélia, este período, Aquino, frágil figura gandiana, era o militante de todas as causas — pela sua Índia natal (Goa), do Maghreb, da África negra — e, acima de tudo, aberto às correntes de pensamento e aos debates de ideias, contra as ortodoxias esterilizantes. Apaixonado pelos livros, a ponto de lhes sacrificar os seus magros recursos, fazia deles sempre o melhor uso para benefício dos seus interlocutores. Mas, foi em Marrocos, no seio do Secretariado da CONCP e em Argel, que Aquino de Bragança, transformado no camarada indispensável e confidente atento, pôde dar a medida das suas qualidades de pensador sempre alerta. Todos os nacionalistas africanos (dirigentes e militantes de base) acorriam junto deste espírito brilhante para confrontar as suas convicções, que, por vezes, ficavam bastante abaladas.

Eu sou-lhe devedor da profunda análise, sempre actualizada, do processo libertador. E jamais deixei, ao longo das peripécias das nossas existências, de sentir a irresistível necessidade de solicitar o contributo da sua inteligência e do calor do seu coração. Quem restituirá a parte que ele detinha da nossa memória colectiva?

Eis porque a sua desapareição é uma perda irreparável.



## AQUINO DE BRAGANÇA

Ele era a providência do jornalista. A quem quisesse compreender a evolução de Moçambique, ele escancarava a sua porta, abria uma garrafa e falava, falava... A luta de libertação nas colónias portuguesas e a sua vida fazem um só corpo. Em meados dos anos 1950, ele fazia já parte do grupo de exilados que inundavam o Bairro Latino, antes de partirem para a guerrilha e ocuparem as mais altas funções em Maputo, Luanda ou Bissau. Pilar da CONCP, a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas, eminência parda de inumeráveis reuniões, passa-paredes para negociar secretamente, ele conhecia intimamente cada actor das lutas de libertação e todas as personagens-chave da África independente.

Ele distinguia-se, desde logo, porque era até às unhas um intelectual apaixonado. Deleitava-se com a análise rigorosa, a palavra justa, a anedota certa, e cobria de sarcasmos mortíferos os burocratas petrificados pela «linguagem de pau». E, acima de tudo, tinha consciência de que a necessidade de informar não casava bem com os segredos dos governos, e tentava, apesar de tudo, incansavelmente, conciliar, o inconciliável.

RENÉ DAMIEN

(PUB. EM «LE MONDE», OUTUBRO — 22-86)